

pesquisa em andamento no Hauptseminar dos pós-graduandos na Universidade de Erlangen.

Até agora todo mundo está gostando do que estamos dizendo! Todas as críticas, perguntas e sugestões, tanto d@s african@s quanto d@s europeus, são pequenos detalhes que podem refinar e melhorar o argumento inteiro.

O projeto é bem maior do que entendi inicialmente. Uma novidade que estou trabalhando atualmente é a questão do racismo dentro dos comentários bíblicos. Já notei isso faz tempo. Mas nesta pesquisa está ficando cada vez mais perceptível que vários dos gigantes da pesquisa profissional do AT injetaram um preconceito contra negr@s nas suas observações. Cito um exemplo. Na interpretação do relato da morte de Absalão, o filho rebelde de Davi, em 2Samuel 18, vários intérpretes chaves do século passado impõem o racismo de suas épocas em cima do texto. Quase todos pressupõem que o Cuchita, que entregou as notícias para o rei Davi, era um escravo¹. O texto bíblico não deu nenhuma indicação que ele foi um escravo. A escravidão no Israel antigo não teve nada a ver com cor da pele, mas com conquista. Em lugar algum temos que esta pessoa foi considerada subalterna dos outros no exército de Davi, sob o comando de Joab. Um outro fato. Nas narrativas de Jeremias, existe um Ebed-Melek (Servo do Rei) que é um Cuchita, mas

até este nome não necessariamente indica que ele foi um servo. Pode ser também que ele tenha sido um servo do Rei, mas um servo em outro nível. Já foi colocado que ele foi um membro do gabinete do Rei.

Então porque os autores quiseram dizer que ele foi um escravo? Eu acho que é porque eles não tinham como imaginar um mundo onde uma pessoa negra não fosse desprezada. Estou cada vez mais convicto que é mais um exemplo da dificuldade em se imaginar um mundo sem preconceito, quando uma pessoa cresceu num mundo que pressuponha racismo como a norma que faz parte da mundo ordenado pelo Deus.

Nota

1 Veja Paul Dhorme, *Les Livres de Samuel*. Paris : Librairie Victor Lecoffre, 1910; Fritz Stolz, *Das Erste und Zweite Buch Samuel*. Zürich : Theologische Verlag, 1981 (Zürcher Bibelkommentare); Karl Gutbrod, *Das Buch Vom Reich: Das Zweite Buch Samuel*. Stuttgart : Carlwer Verlag, 1958; e Hans W. Hertzberg, *Alt Testament Deutsche: Samuelbücher*, 1965.

Peter T. Nash é professor de Antigo Testamento e Hermenêutica Negra na Faculdade de Teologia e Instituto de Pós-Graduação, da Escola Superior de Teologia. Também é o coordenador do projeto Negritude na Bíblia e na Igreja desenvolvido nesta mesma Instituição. Atualmente Peter encontra-se em semestre sabático na Alemanha.

Porque criar lugares para as pessoas negras na IECLB?

José Mincar Lhulier

“Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito; e lá ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei o meu filho.” (Mateus 2.14 e 15)

Também do Egito, saiu o povo de Israel, atravessando o Mar Vermelho, conduzido por Moisés, fugindo da opressão

do Faraó. E a passagem bíblica acima nos mostra a ação de José, que avisado por um anjo saiu da Judéia, com Maria e o menino Jesus, para o Egito fugindo da matança de bebês ordenada por Herodes.

O povo de Deus têm uma grande ligação com esta terra chamada Egito que fica no nordeste da "África". No tempo de Jesus havia na Palestina (região onde ele

atuou) um grande movimento de pessoas que viajavam do Egito (da África) para a Síria (no Oriente Médio). O que significa que no tempo de Jesus havia naquela região um grande número de pessoas de "pele morena" transitando e também vivendo por lá. Segundo o evangelho de Mateus, como lemos acima, Jesus passou os primeiros momentos de sua vida no Egito (na África), de modo que também conviveu com essa gente de "origem negra".

Tais detalhes da Bíblia que, às vezes, não percebemos são muito importantes para nós principalmente quando o tema de nossa Igreja é "Aqui você tem lugar".

Para algumas pessoas, ainda é um pouco estranho observar em nossas comunidades pessoas "negras". O tema para o biênio 97/98 nos desafiou a criarmos "lugares" em nossas comunidades também para estas pessoas, que são diferentes das de origem alemã que predominam em nossa Igreja, para que assim sejamos cada vez mais Igreja Evangélica Luterana NO BRASIL.

Temos um grande exemplo, de que para Deus não existem fronteiras de raça ou cor, quando olhamos para o povo de Israel que saiu do Egito formado, em grande parte, de pessoas morenas. E, também, para o exemplo de Jesus que entre pessoas dessa origem passou o início de sua infância e que vivendo, a maior parte de sua vida na Palestina, entre elas e "com" elas viveu.

O cartaz do tema atual da IECLB, mostra pessoas de várias origens, classes sociais e de realidades diferentes. Entre estas pessoas estão "os negros" ou "brasileiros", como são chamados no interior. Pessoas que também querem participar desta nossa Igreja, nos cultos, nos estudos bíblicos, no grupo de juventude, e nas demais programações de nossas comunidades, não só como pessoas que assistem, mas sim, como "membros atuantes", algo que muitas vezes, é difícil porque "ainda" são vistos com preconceito.

Jesus, em sua pregação, nos chama a amar nosso próximo, sem fazer "distinções", e seguindo o exemplo Dele, que foi criado e viveu entre pessoas de "pele morena" poderemos ser, cada vez mais, pessoas e comunidades que são "sal e luz" para TODAS as pessoas!

Questões para reflexão e discussão em seu grupo:

- Qual o posicionamento de sua comunidade em relação as pessoas negras?
- A sua comunidade tem acolhido as pessoas negras que dela querem participar? Como tem feito isso?
- O que pode ser feito para aproximar estas pessoas de sua comunidade?
- Porque chamar o negro de "moreno"?

José Alencar Lhulier é estudante de Teologia na Faculdade de Teologia da EST e membro do Grupo de Estudantes Negr@s desta Instituição.



Onde todos têm lugar